

A LÓGICA DE OCKHAM E O ADVENTO DO EMPIRISMO

OCKHAM'S LOGIC AND ADVENT OF EMPIRICISM

*Alyson Bueno Francisco*¹

Resumo: Este artigo visa apresentar as contribuições da filosofia de William de Ockham à teoria do conhecimento e ao caminho da lógica no conhecimento experimental e intuitivo. Como escolástico, Ockham mantém o estilo aristotélico na escrita e se apoia em fundamentos teológicos em sua lógica, mas como franciscano, da Universidade de Oxford, aprimora os questionamentos ao realismo platônico e se aproxima do experimentalismo. O filósofo pós-tomista apoia sua lógica nas evidências particulares do singular, pelo uso do termo suposição e abre caminho para o empirismo britânico. Ockham contribui na Educação pela relação com as explicações lógicas através das experiências.

Palavras-chave: Intuição. Lógica dos termos. Singular.

Abstract: This article aims to present the contributions of William de Ockham's philosophy to the theory of knowledge and to the path of logic in experimental and intuitive knowledge. As a scholastic, Ockham maintains the Aristotelian style in writing and relies on theological foundations in his logic, but as a Franciscan, at Oxford University, he improves questions of platonic realism and approaches Roger Bacon's experimentalism in the scientific method. The post-Tomist philosopher supports his logic in the particular evidences of the singular, by the use of the term supposition and paves the way for British empiricism. Ockham contributes to Education by its relationship to logical explanations through experiences.

Keywords: Intuition. Logic of terms. Singular.

Introdução

William de Ockham (1280-1347), também conhecido como Guilherme, foi um filósofo franciscano da Universidade de Oxford. Sobre a biografia, ficou conhecido pelo nome da aldeia próxima de Londres (Occan) onde nasceu, sendo várias grafias utilizadas: Ockham, Occam, Auquam, Hotham e Olram. Ficou conhecido como Guilherme, nome comum entre os alemães, porque viveu os últimos anos num convento em Munique. William de Ockham foi aluno do beato João Duns Scoto (1266-1308), que possuía lógica e retórica das mais aprimoradas para sua época.

A respeito dos antecedentes de Ockham na escolástica, João Roscelino (1050-1121) foi o fundador do nominalismo, método da linguagem durante a escolástica que nega a existência do universal como um conceito que define vários entes particulares.

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista e Licenciado em Filosofia pela Universidade de Franca. E-mail: alysonbueno@gmail.com

Roscelino foi professor de Pedro Abelardo (1100-1160), que criou o conceitualismo, uma escola que não considera nem a negação dos universais, nem o realismo platônico; visto que os conceitos são expressões criadas a partir da lógica não apenas das ideias, mas também pela existência de entes. Já Occam, segundo Russell (1965, p. 411) foi um nominalista: “na lógica, embora não, aparentemente, na metafísica, Occam foi um nominalista; os nominalistas do século XV consideravam-no o fundador de sua escola”.

O uso da retórica fez parte dos debates nas universidades entre os séculos XII e XIII e com isso o uso da lógica nas sentenças foi aprimorado. Durante a Idade Média, a autoridade dos professores, quase em sua totalidade por religiosos, não poderia ser questionada por ceticismos, sendo os conceitos estabelecidos pelos preceitos cristãos e não serem questionados por resultados de experiências. O intenso uso da retórica e dos universais, com conceitos gerais existentes apenas no campo teórico e pela influência do platonismo na época, criou debates restritamente conceituais.

Os frades franciscanos criaram uma escola experimental na Universidade de Oxford, a partir de Roberto Grosseteste (1175-1253) pelo notável desenvolvimento da ótica a partir dos experimentos de reflexão da luz, já evidenciados pelo árabe Al Hazen (965-1040). Posteriormente, Roger Bacon (1214-1294) filósofo e matemático que desenvolveu descrições astrológicas com uso de instrumentos, como o astrolábio e adquiriu conhecimento sobre diversas áreas das ciências naturais na Universidade de Paris.

O aristotelismo, dos religiosos no século XIII, influenciou o desenvolvimento do método científico, com análises experimentais para registros dos fenômenos naturais. Esses resultados do método aristotélico de observação e posterior experimentação trouxe a crítica à filosofia especulativa dos universais do platonismo, que eram utilizados como ideias inatas. Russell (1965) apresenta um debate se Ockham foi realmente o causador do rompimento da escolástica e se introduziu o humanismo:

Há uma tendência, nos que escrevem sobre história da filosofia, a interpretar os homens à luz de seus sucessores, mas isso constitui, em geral, um erro. Occam tem sido considerado como o causador do colapso da escolástica, como precursor de Descartes, Kant ou de quem quer que possa ser o favorito, entre os filósofos modernos, do comentador. Segundo Moody, com quem estou de acordo, tudo isso é errado. Occam, afirma ele, estava interessado, principalmente, em **restaurar um Aristóteles puro**, liberto tanto de influências agostinianas como árabes (RUSSELL, 1965, p. 411, grifo nosso).

Ockham, foi um teólogo e filósofo que ficou conhecido no século XIV, por apresentar questionamentos sobre a tirania dos papas medievais, publicando as obras *Brevilóquio sobre o principado tirânico* e *Oito questões sobre o poder do Papa*. Sendo um frade franciscano, possuía ideias progressistas diante das concepções teocráticas da Igreja Católica. A tese dualista de Agostinho de Hipona sobre poder espiritual e poder temporário (Papa e os nobres europeus) foi questionado por Ockham considerando que o poder espiritual não estaria subordinado ao terreno, mas apenas serviria como conselheiro.

A partir de sua lógica nominalista, Ockham criou um método da linguagem conhecido pelos comentadores de sua obra de “navalha de Ockham”. Segundo Russell (1965, p. 411) “Os entes não devem ser multiplicados sem necessidade”. Para Ockham, os conceitos formados no intelecto são entidades teóricas capazes de tornar o pensamento abstrato e provocar dependência desse plano na mente, possivelmente criando equívocos numa projeção futura. Neste sentido, os conceitos precisam ser apresentados nos textos na forma objetiva, ou seja, precisam buscar o princípio da *Lex Parcimoniae*. A “navalha” é o método de linguagem adotado para seguir o uso parcimonioso (econômico) de premissas para as explicações lógicas.

Ockham (1973a) defende o método de investigação (científico) como um hábito, ou seja, uma sequência de repetições de atos produzidos pelo cientista para constatar a evidência dos fatos analisados.

Posteriormente, os empiristas como Francis Bacon (1561-1626) consideram que o método científico baseado na indução busca impedir que ideias prévias e inquestionáveis (ídolos) influenciem nas conclusões do cientista (BACON, 1979).

William de Ockham adquiriu conhecimentos lógicos com os debates na Universidade de Oxford trazidos por acadêmicos que visitavam a Universidade de Paris no século XIV. Ockham migrou para a Universidade de Munique, após ter sido acusado de heresia e receber apoio do imperador do Sacro Império-Romano Germânico, vindo a falecer vitimado pela peste bubônica, em 1349. Sobre a biografia de Ockham, o filósofo contemporâneo Bertrand Russell (1965) afirma “Guilherme de Occam é, depois de Santo Tomás, o escolástico mais importante [...] a obra de Occam estimulou a pesquisa científica” (RUSSELL, 1965, p. 408-409).

O caminho de abertura, para a possibilidade do Homem se colocar no centro das questões da filosofia, foi importante na busca para resolução dos problemas enfrentados

na Baixa Idade Média, incluindo a peste negra. A pandemia do século XIV, que dizimou mais de 30 milhões de vidas na Europa, inclusive do próprio Ockham, provocou a necessidade da implantação do saneamento básico e de condições de higiene nas recém-cidades do Renascimento.

O método de Ockham e a divisão dos conhecimentos

William de Ockham foi um filósofo da lógica que defendia a necessidade de divisão do conhecimento em partes para melhor compreensão da realidade. A tendência de especializações do conhecimento propriamente dita só foi defendida com maior ênfase pela Filosofia Moderna. A respeito da relação entre sujeito e objeto do conhecimento, Ockham (1973b) apresenta uma escala de método a partir do singular em direção ao universal.

Influenciado pelo silogismo aristotélico, o método proposto por Ockham (1973b) divide o conhecimento em: complexo, dos termos e proposições, e o conhecimento incomplexo, das interpretações dos singulares e particulares. Para Ockham (1973b), o conhecimento incomplexo é dividido em conhecimento intuitivo (simples) e conhecimento abstrativo.

Ao analisar a lógica de Ockham, Russell (1965, p. 413) afirma “o conhecimento abstrato pressupõe um conhecimento ‘intuitivo’ (isto é, de percepção), e este é produzido por coisas individuais”.

A forma como o filósofo analisa os objetos é chamada intenção, sendo a primeira interpretação do sujeito do conhecimento em relação ao objeto, denominada de conhecimento intuitivo. Essa intuição ocorre após considerar o objeto como uma coisa, em “não são singulares uma expressão escrita, nem um conceito, nem a palavra falada significativa, mas somente uma coisa que não é um sinal comum” (OCKHAM, 1973a, p. 352). Após considerar o singular como coisa e não um sinal produzido pela apreensão, Ockham (1973b) segue para segunda etapa do método:

A respeito do segundo ponto, supondo-se que se trate do conhecimento próprio do singular, digo primeiramente que o singular assim entendido é a primeira coisa conhecida como um conhecimento simples e que lhe é próprio [...] O conhecimento simples, próprio do singular e o primeiro sob esse aspecto é o conhecimento intuitivo. Que esse conhecimento seja o primeiro, vê-se pelo fato de que o conhecimento abstrativo do

singular pressupõe a intuição a respeito do mesmo objeto, e não vice-versa (OCKHAM, 1973b, p. 352-353).

A partir do conhecimento intuitivo surge a intenção da experiência e se produz o conhecimento experimental, na lógica metodológica de Ockham (1973b). O filósofo afirma:

E todo conhecimento complexo dos termos ou das coisas significadas reduz-se em última instância ao conhecimento dos termos incomplexos. Logo, esses termos ou coisas podem conhecer-se por outro conhecimento que aquele em virtude do qual não se podem conhecer tais verdades contingentes, a saber, o conhecimento intuitivo. E é dele que começa o conhecimento experimental, porque em geral, aquele que pode ter a experiência de alguma verdade contingente e, mediante ela, de uma verdade necessária, tem algum conhecimento incomplexo de algum termo ou coisa, que não possui quem não pode ter tal experiência (OCKHAM, 1973b, p. 350-351).

A experiência para Ockham enquanto teólogo, não é apenas restrita ao material das coisas apreensíveis pelos sentidos (intuição corporal), pois Deus existe e não é material. Para o teólogo: “Todo efeito que Deus pode produzir por meio de uma causa segunda, pode fazê-lo imediatamente por si; ora, pode produzir a intuição corporal por meio de um objeto; logo, pode fazê-lo imediatamente por si [...] Deus pode realizar a visão sem o objeto criado” (OCKHAM, 1973b, p. 351).

O conhecimento abstrativo, como segunda instância do método de Ockham, considera aquilo que existe em sua singularidade e as análises do intelecto, e por isso é um conhecimento da probabilidade, historicamente desenvolvida pelos cartesianos nas ciências exatas (DESCARTES, 2001). Neste sentido, de acordo com Ockham (1973b), o conhecimento abstrativo é uma ponte entre a intuição e o conhecimento complexo dos termos. O filósofo diferencia o conhecimento intuitivo do conhecimento abstrativo na afirmação:

Num sentido, com relação a alguma coisa, ele [conhecimento abstrativo] abstrai de muitos singulares, e assim o conhecimento abstrativo não é mais que o conhecimento de algum universal que pode ser abstraído de muitos. Se o universal constitui uma verdadeira qualidade existente subjetivamente na alma, como se pode sustentar com probabilidade, dever-se-ia conceder que esse universal pode ser visto intuitivamente e que o mesmo conhecimento é intuitivo e abstrativo, quando se forma a expressão ‘conhecimento abstrativo’, que então não se opõe a ‘intuitivo’ [...] O conhecimento abstrativo é aquele em virtude do qual não se pode conhecer com evidência se uma coisa

contingente existe ou não. Portanto, o conhecimento abstrativo abstrai da existência e não-existência (OCKHAM, 1973b, p. 350).

A respeito do conhecimento complexo e sua relação com a ciência, Ockham (1973a, p. 345) considera que “toda ciência se refere a um complexo ou a complexos. E da mesma forma como os complexos são conhecimentos pela ciência, os incomplexos, dos quais eles se compõem, constituem o que determinada ciência considera”.

Para o filósofo medieval, “ciência significa conhecimento evidente de alguma coisa necessária. Não se conhecem dessa forma as coisas contingentes, mas os princípios e as conclusões que deles se seguem” (OCKHAM, 1973a, p. 342).

Dessa forma, ao se tratar de ciência, Ockham (1973a) considera a necessidade de um hábito para se atingir os testemunhos dos outros e a evidência dos fatos, afirmando:

A potência que não tem senão o que tinha antes, não possui maior habilidade para o ato do que antes, mas experimentarmos claramente que depois de muitos pensamentos uma pessoa se acha com maior habilidade e inclinação para ideias parecidas do que se achava antes [...] o hábito que é a ciência é uma qualidade da alma [...] Em outro sentido, torna-se ciência como conhecimento evidente, ou seja, quando se diz que sabemos não somente devido ao testemunho de outros, mas também assistimos, mediata ou imediatamente, sem que ninguém o conte, por algum conhecimento incomplexo de certos termos (OCKHAM, 1973a, p. 342).

Sobre a classificação do conhecimento científico, Ockham considera a distinção entre ciência natural e ciência real. Para o filósofo, “ciência natural trata das coisas corruptíveis e móveis” (OCKHAM, 1973a, p. 345); ao passo que “ciência real não trata de coisas, mas das intenções que representam as coisas, porque os termos das preposições sabidas representam as coisas” (OCKHAM, 1973a, p. 345).

Em suma, as coisas são consideradas nos termos pela intenção do filósofo, refere-se à representação da análise acerca das coisas, através de uma linguagem de proposições no raciocínio silogístico.

A lógica dos termos e a teoria da suposição

A principal obra de Ockham foi *Suma da Lógica*, manuscrito de 1341 com 72 capítulos, apresenta a estrutura da lógica dos termos e proposições com a busca pela linguagem parcimoniosa (OCKHAM, 1995). No entender de Russell (1965):

Para Occam, a lógica é um instrumento para a filosofia da natureza, que pode ser independente da metafísica. A lógica é a análise da ciência discursiva; a ciência refere-se a coisas, mas a lógica não. As coisas são individuais, mas, entre os termos, há os que são universais; a lógica trata dos universais, enquanto que a ciência os emprega sem discussão (RUSSELL, 1965, p. 412).

A lógica da linguagem pelas proposições foi desenvolvida tanto por Duns Scot como por Ockham. Os filósofos escolásticos, ao continuar o trabalho lógico dos clássicos gregos, aprimoraram o conceito de silogismo aristotélico, rompendo com a noção de relativismo retórico dos sofistas. Para Perin (2005, p. 122):

Ockham propunha várias maneiras de interpretar as suposições. Entretanto, cabe ressaltar que Ockham, ao procurar provar a direta ligação da singularidade do real, postulava que esse conhecimento era uma realidade desconhecida e caberia aos homens tentar entender a sua substância singular por meio da experiência ou das exigências necessárias para a verdade de uma proposição singular.

Ockham, adepto do nominalismo, defende o uso de proposições pelos termos. Na lógica terminista, Ockham considera o termo como “tudo o que pode ser cúpula ou extremo da proposição categórica [...] todo incomplexo [...] aquilo que tomado significativamente pode ser sujeito ou predicado da proposição” (OCKHAM, 1973c, p. 362). Apoiado na obra *Categorias* de Aristóteles, Ockham classifica dos termos em equívocos, unívocos e denominativos. Os termos equívocos possuem vários significados e não são subordinados a um só conceito (OCKHAM, 1973c). Para o filósofo da lógica, unívoco é “tudo aquilo que se subordina a um conceito, quer signifique muitas coisas ou não” (OCKHAM, 1973c, p. 367). O termo denominativo é “o que começa, como o termo abstrato, mas não tem um fim semelhante, significando um acidente” (OCKHAM, 1973c, p. 368).

Ockham (1973d) apresenta o uso do termo “supõe” na forma como o sujeito constrói as proposições. Para o filósofo, suposição (*suppositio*) é uma “posição por alguma outra coisa” (OCKHAM, 1973d, p. 369), ou “estar no lugar de algo” (*positivo pro alio*). Como exemplo, o teólogo apresenta a proposição: “Um homem é Deus”, sendo que “homem” está no lugar de “Filho de Deus”: “homem verdadeiramente tem a suposição de Filho de Deus, porque o Filho de Deus é verdadeiramente homem” (OCKHAM, 1973d, p. 369).

Para melhor compreensão, ao seguir o método de divisão, Ockham (1973d) classifica a suposição em: pessoal, simples e material; apresentando a explicação platônica pela “intenção da alma”. Segundo Ockham (1973d, p. 370):

A suposição pessoal geralmente é aquela em que o termo tem como suposição seu significado, seja este uma coisa exterior, uma palavra falada, uma intenção da alma, um escrito ou qualquer coisa imaginável [...] A suposição simples é quando um termo ‘supõe’ pela intenção da alma, mas não se usa em função da significativa [...] Suposição material é quando um termo não ‘supõe’ significativamente, mas tem como suposição a palavra falada ou escrita.

Ockham distingue a suposição pessoal em discreta e comum. A suposição pessoal discreta é “aquela em que ‘supõe’ um nome próprio de alguém ou de algo ou um pronome demonstrativo tomado significativamente” (OCKHAM, 1973d, p. 372). Já a suposição pessoal comum é “quando um termo ‘supõe’ [...] e se divide em confusa e determinada” (OCKHAM, 1973d, p. 372).

Para o filósofo “suposição determinada é quando se passa de alguma disjuntiva a casos particulares [...] denota que uma proposição dessa espécie é verdadeira se aplicada a alguma proposição singular determinada, a qual por si só, sem a verdade dessa proposição” (OCKHAM, 1973d, p. 372). Já a suposição apenas confusa é “quando um termo ‘supõe’ pessoalmente e não se pode passar para os singulares por meio de uma disjuntiva, sem nenhuma modificação do outro extremo, mas mediante uma proposição como predicado disjuntivo” (OCKHAM, 1973d, p. 373).

A suposição confusa e distributiva é “quando se pode de algum modo deduzir uma proposição copulativa, se o termo tiver muitos inferiores, mas não se pode inferir formalmente de nenhuma proposição” (OCKHAM, 1973d, p. 373).

A suposição em relação à afirmação foi um avanço no silogismo trazido por Ockham, pois a busca pela verdade apresentada nas proposições lógicas pela possibilidade de dúvida do sujeito diante das afirmações de ideias inatas.

A navalha de Ockham e o “advento” do empirismo

Ockham identificou o problema de dependência do debate de ideias pelas ideias na metafísica platônica, pois os problemas do realismo não classificam os objetos da natureza, nem buscam uma utilidade ao conhecimento acumulado.

Neste sentido, Ockham apresenta uma lógica com objetividade para os termos e a busca pela intuição e probabilidade, e não ideias inatas. Através do enunciado “não multiplicar entidades desnecessariamente”, Ockham rompe a dependência com a metafísica dos universais e busca a compreensão dos objetos (coisas), pelo exame da ciência a partir das experiências.

Através da lógica da intenção e da suposição, Ockham desenvolve a crítica aos universais enquanto ideias inatas. O conteúdo a ser conhecido formalmente pelo processo educativo, principalmente desde a Idade Média, tornou-se uma mera memorização e repetição de termos empregados por autores, cujas realidades se diferem historicamente dos contextos contemporâneos. Para Perin (2005, p. 127)

Segundo Ockham, o homem deveria ter a liberdade de conhecer o mundo, as coisas na sua íntegra, visando realmente ao seu significado e a sua importância. A exploração de tudo e, conseqüentemente, a experiência empírica para o conhecimento da realidade [...] dessa liberdade do indivíduo em poder conhecer o verdadeiro, o visível, Ockham priorizava a razão, mostrando que pela reflexão, pelo uso do intelecto como fundamento de entendimento as proposições poderiam ser avaliadas na sua íntegra e serem conferidas como verdadeiras ou falsas, favorecendo, assim, o conhecimento empírico da natureza.

Perin (2005) considera que no século XIV, durante a Baixa Idade Média, ocorreram mudanças significativas na sociedade e na educação, pois o renascimento urbano trouxe novas ideias de outras culturas e a necessidade de um caminho viável à liberdade de expressão. Segundo Perin (2005, p. 129, grifos nossos)

Os indivíduos passaram a compor leis e *instrumentos* que fossem plausíveis aos seus interesses e que estabelecessem um caminho viável aos seus ideais. Assim, a explicação pelos meios divinos já não era mais possível de satisfazer os anseios da sociedade. Era necessária uma nova explicação, ou seja, algo que comprovasse o inexplicado, tudo aquilo que outrora não havia sido compreendido pelos olhos da razão, da *reflexão experimental*.

Ockham trouxe um importante debate à teoria do conhecimento, pois considera que o sujeito produz o conhecimento ao analisar o objeto em várias tentativas através da experiência, sendo a repetição dos acontecimentos constatados (experimentados) no passado, que garante a possível previsão dos acontecimentos futuros.

No método proposto por Ockham, o intelecto é capaz de captar e refletir as informações através da repetição dos fatos. A suposição dos termos previamente

analisados pelas referências é questionada pelos fatos particulares verificados e pode gerar um novo conhecimento.

Através das repetidas experiências foi possível criar um método científico, fundamentado pelo empirismo, pela coleta de dados e padronizar os registros (catálogos), sendo assim a ideia fundamental para o experimentalismo de Roger Bacon e Francis Bacon.

Considerações finais

A lógica de Ockham contribui no uso dos termos pelo método da divisão e análise dos fatos particulares. Enquanto a metafísica busca a compreensão dos universais pelo ser, um, verdadeiro e bom; Ockham considera que o conhecimento humano precisa começar o raciocínio lógico pela apreensão das coisas particulares. A partir do conhecimento intuitivo da percepção se propõe o método na direção ao conhecimento abstrato dos universais, ou seja, a teoria do conhecimento proposta por Ockham parte dos particulares em direção aos universais.

A necessidade de apreensão pelos sentidos na análise dos objetos particulares e constituição das ideias pela repetição de acontecimentos criou um fundamento para o método indutivo dos empiristas. A lógica da intenção e da suposição contribui na dúvida diante dos fatos apresentados pelos sentidos, com rompimento das dependências das ideias gerais e inatas.

Ockham foi um filósofo franciscano que possuía o senso crítico numa época sem possibilidade de liberdade de expressão. Os franciscanos da Universidade de Oxford trouxeram uma mudança importante para o conhecimento medieval na busca pelo fim da dependência da retórica e compreensão da natureza pela humanidade.

A compreensão dos entes e das coisas em sua particularidade, como criaturas divinas, pelo uso da lógica dos termos, introduziu o empirismo pela reflexão experimental. A busca pelo entendimento da realidade das coisas visíveis, ao invés das ideias inatas apenas no campo teórico, trouxe uma mudança paradigmática entre o mundo medieval e a modernidade.

Referências

ARISTÓTELES. *Categorias*. São Paulo: Editora Unesp, 2019. Tradução de José Veríssimo Teixeira da Mata.

- BACON, F. *Novum Organum*: ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Tradução de José Aluysio Reis de Andrade.
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução de Maria Ermantina Galvão.
- OCKHAM, G. *Brevilóquio sobre o principado tirânico*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- _____. *Oito questões sobre o poder do Papa*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- OCKHAM, W. Noção do conhecimento. In: AQUINO, T.; ALIGHIERI, D.; SCOT, J. D.; OCKHAM, W. (org.) *Os Pensadores*: Seleção de Textos. Rio de Janeiro: Abril Cultural, volume 8, p. 337-347, 1973a.
- _____. Problemas epistemológicos. In: AQUINO, T.; ALIGHIERI, D.; SCOT, J. D.; OCKHAM, W. (org.) *Os Pensadores*: Seleção de Textos. Rio de Janeiro: Abril Cultural, volume 8, p. 348-360, 1973b.
- _____. Problemas lógicos. In: AQUINO, T.; ALIGHIERI, D.; SCOT, J. D.; OCKHAM, W. (org.) *Os Pensadores*: Seleção de Textos. Rio de Janeiro: Abril Cultural, volume 8, p. 361-368, 1973c.
- _____. Teoria da suposição. In: AQUINO, T.; ALIGHIERI, D.; SCOT, J. D.; OCKHAM, W. (org.) *Os Pensadores*: Seleção de Textos. Rio de Janeiro: Abril Cultural, volume 8, p. 369-373, 1973d.
- _____. *Summa of Logic*. London: Preparatory Letters, 1995. Tradução de Paul Vicent Spade.
- PERIN, C. S. B. *A educação no século XIV*: Guilherme de Ockham. Dissertação (Mestrado em Fundamentos da Educação), Universidade Estadual de Maringá, 2005, 138f.
- RUSSELL, B. *História da filosofia ocidental*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. Tradução de Breno Silveira.

Recebido em: 15/07/2020
Aprovado em: 24/08/2020